



Políticas públicas na mídia impressa carioca: uma análise da cobertura do “choque de ordem” nas capas de dois diários tradicionais do Rio de Janeiro¹

Rafael FORTES²

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Pablo LAIGNIER³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho analisa a cobertura do “choque de ordem” em dois jornais impressos tradicionais do Rio de Janeiro (Jornal do Brasil e O Dia) durante os cem primeiros dias de governo do prefeito Eduardo Paes, que assumiu o cargo em janeiro de 2009. “Choque de ordem” é a denominação dada pela prefeitura do Rio de Janeiro – e incorporada pelos veículos em questão – à política pública de maior visibilidade posta em prática durante o primeiro ano da atual gestão. A discussão de tal política e de sua cobertura jornalística se impõe como relevante pelo impacto sobre parte da população trabalhadora da cidade e pelo papel dos jornais na construção e legitimação de modos de ser e de agir no espaço urbano. Como referências teóricas, o artigo dialoga com as noções de “criminalização” ou “segregação” da pobreza, tal como aparecem, respectivamente, nas obras dos sociólogos Zygmunt Bauman e Loïc Wacquant.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo impresso; O Dia; Jornal do Brasil; Rio de Janeiro; choque de ordem.

1. Introdução: Sobre o “choque de ordem” como política pública e fenômeno discursivo

Em primeiro de janeiro de 2009, Eduardo Paes assumiu o cargo de prefeito da cidade do Rio de Janeiro. Do ponto de vista dos meios de comunicação corporativos, a campanha eleitoral foi pautada pela discussão em torno do crescimento das favelas e da necessidade de “ordenamento” do espaço urbano por parte da prefeitura. Eduardo Paes elegeu-se prefeito numa acirrada disputa de segundo turno com Fernando Gabeira.

Após a posse, entre as iniciativas anunciadas para várias áreas de governo – saúde, educação, transporte etc. –, uma recebeu particular destaque na mídia: o “choque de ordem”. Este foi levado a cabo pela Secretaria Especial de Ordem Pública, criada especificamente para tal fim. Contudo, em momento algum a prefeitura definiu claramente o que entende por “choque de ordem”, nem apresentou metas e objetivos

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutor em Comunicação, historiador e jornalista. Organizou os livros *Segurança Pública, Direitos Humanos e Violência* (2008) e *Introdução à História da Comunicação* (2009). Contato: raffortes@hotmail.com; rafaelfortes@unirio.br.

³ Pesquisador do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC-ECO/UFRJ) desde 2007 e Doutorando pela mesma instituição. Organizou o livro *Introdução à História da Comunicação* (2009). Contato: pablolaignier@yahoo.com.



precisos para este – muito menos estudos, pesquisas, relatórios ou levantamentos que fornecessem subsídios para as operações e a escolha de locais, ramos de atividade econômica e agentes sociais para receber o “choque”. As ações concentraram-se na área que chamamos *Zona Sul sociológica*, que compreende a Zona Sul geográfica e os bairros de Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca, Centro, Tijuca, Vila Isabel e adjacências. A área concentra boa parte das residências de classe média e alta da cidade, bem como a maioria dos equipamentos culturais, atrações turísticas e prédios históricos. A infraestrutura de instituições e serviços públicos também é, proporcionalmente, muito superior (qualitativa e quantitativamente) àquela presente na Zona Oeste e nos demais bairros da Zona Norte – os quais, somados, compreendem a ampla maioria do território e da população do município. A *Zona Sul sociológica* compreende 8 das 33 regiões administrativas da cidade, agregando 34 dos 159 bairros. A proporção em relação ao total pode ser observada na tabela abaixo.

	Zona Sul sociológica (a)	Total da cidade (b)	Percentual (a/b)
Área territorial em Km ² (2003)	274,02	1.224,56	22,4%
População (2000)	1.195.773	5.857.904	20,4%

Tabela 1: Zona Sul sociológica e cidade: população e território⁴

Mas o dado crucial diz respeito a renda e propriedade. Não encontramos números estratificados, por região administrativa, relativos à apropriação do total de renda produzido no município. Mas duas tabelas – com dados relativos a renda domiciliar⁵ e renda oriunda do trabalho⁶ – ajudam a demonstrar que estamos falando de regiões que abarcam boa parte das classes média e alta. Ou seja, trata-se de uma política pública que praticamente se restringe às áreas *nobres* da cidade.

⁴ Fonte: elaboração própria a partir de dados do Instituto Pereira Passos (IPP) e Censo Demográfico 2000 elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponibilizadas na área Bairros Cariocas do sítio Armazém de Dados, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_ra.htm. Acesso em 08/03/2010.

⁵ Na tabela “Renda domiciliar per capita média do décimo mais rico”, todas as oito regiões administrativas em questão aparecem nos dez primeiros lugares. Eis as colocações: 1) Lagoa, 2) Barra da Tijuca, 3) Copacabana, 4) Botafogo, 5) Tijuca, 6) Vila Isabel, 8) Santa Teresa, 10) Centro. Disponível em http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/mostra_ranking_ra.php?Cod_Tema=1055&area=06. Acesso em 08/03/2010.

⁶ No que diz respeito ao rendimento médio oriundo do trabalho, os seis primeiros lugares são ocupados por RAs de nossa lista. Todas as oito têm valores acima da média da cidade. Tabela “Rendimento médio oriundo do trabalho por Região Administrativa (em R\$ de 2000) – 2000”, disponível em http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/878_rendimento%20m%C3%A9dio%20oriundo%20do%20trabalho.XLS. Acesso em 08/03/2010.



Neste artigo, pesquisamos as capas de dois diários tradicionais do Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil* e *O Dia*, nos cem primeiros dias de governo de Eduardo Paes (01/01/2009 a 10/04/2009).⁷ O objetivo é identificar e analisar a maneira como os veículos cobriram o “choque de ordem” implantado pelo prefeito recém-empossado. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo.

Do ponto de vista teórico, trabalhamos com a noção sociológica de “criminalização da pobreza”, tal como esta noção aparece nos autores Wacquant (2008) e Bauman (2009), em obras recentes que indicam um movimento característico do processo de globalização em privatizar e desregular a economia em caráter mundial. Assim, ainda que existam diferenças com relação às aplicações ou reflexos locais deste processo global, o discurso sobre “criminalização da pobreza” é característico do discurso midiático e governamental sob a nova ordem instituída a partir da pressão das forças globalizantes capitaneada pelo capital financeiro internacional e por grandes conglomerados transnacionais ligados aos setores produtivo e de serviços (Bauman, 1998; 1999; 2001; 2005; 2009).

Não se trata de um discurso único e nem de um discurso que assumidamente culpabilize os pobres a todo o momento de forma direta. Porém, a análise sociológica que o insere no contexto memorial dos fatos da cidade (a qual se manifesta em jornais diários) pode interpretar de forma mais abrangente determinados conteúdos simbólicos. A inserção da análise dos conteúdos dos jornais, quando articulada aos dados concretos que direcionam as manifestações do governo municipal, através da ideia genérica de um “choque de ordem” a criminalizar e excluir de modo sistemático pessoas de baixa renda e pertencentes às camadas que não estão diretamente ligadas à economia formal dos locais definidos como *Zona Sul sociológica* aponta para um direcionamento elitista das políticas públicas que remete às análises de Bauman (2009) e Wacquant (2008) relativas aos contextos citadinos de grandes centros europeus e norte-americanos, respectivamente.

Ainda assim, há diferenças bastante significativas entre esses contextos sociais, pois a carga histórica que constitui as favelas cariocas e outros espaços sociais no Rio de Janeiro não é idêntica aos contextos de exclusão analisados pelos referidos autores. Porém, notar que existe uma tendência discursiva que segue um direcionamento que

⁷ Tendo em vista a indisponibilidade no acervo da Biblioteca Nacional e a inviabilidade de acesso ao material por outros meios dentro do prazo para entrega do artigo, não pudemos analisar *O Dia* nos períodos de 21 a 28/02/2009 e 11-20/03/2009.



transcende os contextos locais, buscando suas soluções específicas em ideias e políticas públicas geradas em outros contextos, como a “tolerância zero” aplicada pelo ex-prefeito Rudolph Giuliani em Nova York nos anos 1990, demonstra o perigo que as forças globalizantes possuem em tornar hegemônico um pensamento elitista e discriminatório que, a longo prazo, principalmente apoiado por setores conservadores da mídia hegemônica, pode ter efeitos negativos na sociabilidade de um grande centro urbano.

Lançamos duas perguntas: será que, do ponto de vista jornalístico, as análises destes dois periódicos suscitam diferenças significativas, capazes de gerar análises com resultados diferentes sob o ponto de vista da identificação de uma pluralidade de discursos midiáticos que atendam ao trânsito de heterogeneidades que compõem as grandes cidades? Neste espaço de fluxo e trânsito de diferentes componentes dificilmente redutíveis a um único aspecto étnico-social, de que forma esta heterogeneidade ocorre (ou não) no discurso jornalístico?

2. Análise empírica dos jornais impressos

2.1. O “choque de ordem” em *O Dia*

Criado em 1951, no contexto de modernização da imprensa carioca, *O Dia* caracterizava-se como um matutino de viés popular, tendo atingido rapidamente a tiragem de 100.000 exemplares diários (Barbosa, 2007, p. 154; Ribeiro, 2000, p. 93). Embora tenha mudado de propriedade de linha editorial nos anos 1980, mantém-se como um dos principais jornais do Rio de Janeiro, inclusive no quesito tiragem. Assim como ocorreu com o *Jornal do Brasil* (ver próximo item), *O Dia* passou por uma mudança de formato. A diferença é que esta ocorreu justamente durante o período compreendido em nossa pesquisa: de fevereiro para março, diminuiu de tamanho (área e número de páginas). Reduziram-se também o número de chamadas e fotos na capa. A mudança significou a redução no número de matérias e páginas dedicadas ao Rio, o que explica, em parte, a brusca diminuição das matérias sobre o “choque de ordem” em março e abril.

A edição de 02/01 trouxe como manchete “Canetadas de Paes começam a mudar o Rio”. Nos primeiros dias de janeiro, as páginas internas destacaram e detalharam medidas tomadas pela nova administração. Em 03/01, novamente a capa chamou a atenção para a atuação do executivo municipal. Em letras menores, a primeira referência



– indireta – ao “choque de ordem”: “Tijuca e Zona Sul terão ação contra camelô e flanelinha”. Esta frase antecipa duas das características que dariam o tom da ação da prefeitura e de sua cobertura pela mídia: o foco na *Zona Sul sociológica* e a repressão a trabalhadores informais que utilizam e/ou se apropriam do espaço público para prestar serviços, vender mercadorias e/ou coagir pessoas (caso dos *flanelinhas*, que são guardadores de carros).

“Choque de ordem de Paes derruba até prédio no Rio”, estampa a manchete de 06/01. Pela primeira vez, a política do prefeito atinge o auge da visibilidade: a chamada principal da primeira página. O “choque de ordem” aparece na capa em numerosas edições pesquisadas – raras vezes na manchete principal. Na maioria dos casos, recebeu chamadas discretas, às vezes na parte inferior da capa. O subtítulo indica apreciação pela *vontade de trabalhar* dos novos administradores: “Equipe do novo prefeito mostra que não está aí para brincar e faz 10 ações pela cidade”. Informa-se também os bairros que estão “na mira da prefeitura”, ou seja, onde se darão as próximas ações: “Botafogo, Glória, Flamengo e Largo do Machado”, todos situados na Zona Sul.⁸

Observamos diversas chamadas em segundas-feiras referindo-se a dois temas: praia e Maracanã. Isto pode ser explicado tanto pela importância do futebol e da praia como lazer para milhares de cariocas quanto pela *falta de notícias* que caracteriza os jornais de segunda-feira, produzidos por equipes de plantão reduzidas e sem contar com notícias relativas a diversos assuntos devido ao final de semana, quando a maior parte das empresas e órgãos públicos fica fechada. Neste sentido, as operações do “choque de ordem” unem ambos os aspectos: mostram o poder público em ação (em situações provavelmente divulgadas de forma prévia pela assessoria de imprensa) em meio a espaços de lazer importantes: “Copacabana tem novo Choque de Ordem, mas só no calçadão” (19/01); “Choque de confusão na Barra” (20/01), quando camelôs reagiram à ação da prefeitura e protestaram espalhando barracas e cadeiras de praia na rua, interrompendo o trânsito; “Sem bagunça no Maracanã” (26/01), dando conta de repressão a ambulantes e à venda de bebidas alcoólicas (a prefeitura proibiu a venda de bebidas no entorno do estádio no período a contar de duas horas antes do início dos jogos).

O Dia caracterizou-se por não limitar suas vozes às autoridades da prefeitura e às pessoas de classe média e alta – moradores dos bairros da *Zona Sul sociológica*.

⁸ Em páginas internas, *O Dia* destacou o fato de que o “choque de ordem” se restringiu à Zona Sul, deixando de lado as zonas Norte e Oeste. Cf. 11/01/2009, p. 10.



Ouviu e reverberou, em algumas matérias, o ponto de vista dos principais atingidos: os camelôs. Chegou, inclusive, a estampar na capa a chamada “Camelôs fazem passeata contra [o] Choque de Ordem” (30/01). Via de regra, estas falas aparecem em matérias no interior do jornal, com declarações de camelôs e ambulantes que tiveram produtos apreendidos.

Além de dar voz aos perseguidos, o jornal enfatizou, vez ou outra, medidas ou propostas de caráter não-repressivo divulgadas pela prefeitura. Com isto, pode-se perceber que, embora o cerne das ações (e da cobertura midiática das mesmas) seja a repressão, o “choque de ordem” não se resume a isto. Por exemplo, uma capa estampou a chamada “Prefeitura do Rio vai fazer camelô virar empresário” (06/04). Apesar de um evidente exagero – pois são notórias as diferenças entre o que se entende por *empresário* e o trabalho realizado pelos camelôs –, trata-se de chamar a atenção para a tentativa, por parte da prefeitura, de legalizar uma parcela dos trabalhadores informais.

Além disso, boa parte das chamadas relativas à prefeitura diz respeito às demais secretarias, com destaque para educação e saúde. Em 10/01, a manchete estampava: “Prefeitura vai construir 10 mil imóveis”. Raras vezes ações de outras secretarias foram enquadradas como “choque de ordem”. Tal foi o caso do anúncio de fiscalização nos coletivos (“Ônibus terão Choque de Ordem”, 09/02). Contudo, percebemos o uso de expressões ligadas ao campo semântico da *ordem* para descrever situações entendidas como contrárias ao objetivo de *ordenar* a cidade. Quando *O Dia* estampa “Chuva traz de volta a desordem à cidade” (22/01) em sua capa, faz referência não apenas ao “choque de ordem”, mas deixa implícita a ideia de que o mesmo obteve sucesso – ao menos até a chuva provocar “ruas alagadas e trânsito caótico”.

Embora o objeto central deste estudo sejam as capas, vale ressaltar o número expressivo de cartas de leitores apoiando o “choque de ordem” – há cartas criticando, mas, ao menos entre as que são publicadas, aparecem em quantidade muito inferior. Da mesma forma, o jornal apoia as ações em reportagens, colunas e editoriais, implícita ou explicitamente.

2.2. O “choque de ordem” no *Jornal do Brasil*

Tradicional periódico do Rio de Janeiro, publicado desde 1891, o *Jornal do Brasil* foi importante em diversas mudanças no jornalismo impresso brasileiro ao longo do século XX. De caráter nacional, já foi, durante décadas, o jornal impresso mais

importante do Brasil. Nas últimas décadas, porém, este jornal vem enfrentando problemas de caráter financeiro e o *JB* (abreviação que serve para identificar o jornal e é bastante utilizada há décadas na cidade do Rio de Janeiro, tanto por assinantes e leitores quanto nas páginas do próprio jornal) teve sua equipe reduzida, perdendo profissionais reconhecidos da área jornalística para outros veículos impressos. Desde 2006, o formato do *JB* diminuiu e hoje o número de páginas e cadernos é bastante reduzido, se comparado ao volume de páginas dos outros periódicos analisados neste (*O Dia*) e em nosso artigo anterior (*O Globo*) sobre o tema (cf. Laignier e Fortes, 2009).⁹

Algo que se pode dizer ter caracterizado a cobertura do *JB* no caso do “choque de ordem” é uma espécie de contraponto ao caráter repressivo que o mesmo apresenta em suas diversas ações. Em um primeiro momento, logo nos dias iniciais do ano, as capas do *JB* apresentam a sucessão municipal e o início dos trabalhos do novo prefeito, Eduardo Paes. O jornal chama a atenção para o fato de que o Rio de Janeiro vem apresentando um histórico de violência e informalidade nos últimos anos, ou seja, em administrações anteriores. Neste sentido, o jornal retrata acontecimentos violentos que ocorreram na festa de reveillon em Copacabana e mostra como a população (principalmente da *Zona Sul sociológica*) estava esperançosa de que a nova administração fosse capaz de revitalizar o município.

Nos primeiros dias, portanto, a apresentação do governo municipal é um dos principais assuntos. Neste sentido, o “choque de ordem” surge mais como um ideal genérico e sem especificações concretas, sendo, porém, uma das principais ideias que norteiam o novo governo, direcionando ideologicamente sua imagem pública. “É tempo de Paes na prefeitura” é uma das chamadas do dia 1º de janeiro de 2009, fazendo um trocadilho entre o sobrenome do novo prefeito e o termo “paz”, algo de que o Rio está precisando, segundo relatos de moradores em matéria sobre o reveillon em Copacabana.

No dia 02/01 a manchete principal, com foto, anuncia: “Paes toma posse e decreta: 1 – Choque de Ordem no município; 2 – Auditoria na Cidade da Música; 3 – Fim da aprovação automática; 4 – Aperto no orçamento da prefeitura.” Trata-se do “tema do dia”, e o fato do “choque de ordem” ser apresentado em primeiro lugar

⁹ Em artigo anterior, analisamos os cem primeiros dias de 2009 no jornal *O Globo*, componente importante do maior conglomerado de telecomunicações brasileiro, as Organizações Globo. Fundado em 1925, *O Globo* pactua com o lado mais discriminatório e elitista do “choque de ordem”, exigindo mais ação da prefeitura do Rio de Janeiro no que diz respeito à repressão a camelôs, moradores de rua e outras figuras que compõem o imaginário de medo que vem se desenvolvendo nas grandes cidades contemporâneas, embora essas mesmas figuras sejam também produtos destas cidades e de seus modelos de desenvolvimento adotados nas últimas décadas.



demonstra seu papel fundamental como pilar da nova administração municipal. A ideia genérica que norteia a prefeitura de Paes é a da revitalização do Rio de Janeiro através do combate à impunidade e à desordem, principalmente no que se refere à informalidade a aos processos paralelos tanto no caso da política como da economia (narcotráfico, milícias, mercado pirata etc).

No sábado, dia 03/01, a principal manchete do jornal é sobre o início do “choque de ordem”, informando as principais ações que serão efetuadas pela prefeitura a partir do dia 05/01 (segunda-feira), como por exemplo, a demolição de construções irregulares na cidade. Em 04/01, domingo, a manchete principal é sobre “Os 100 primeiros dias de Paes”, falando das medidas principais e fazendo menção ao “choque de ordem” como a principal esperança dos cidadãos no governo de Paes. Até o quarto dia do ano, a ideia do “choque de ordem” é apresentada como algo a ser realizado e fica na esfera do discurso. Não são mostradas ações da prefeitura, mas o planejamento para os próximos meses e anos, sem muita clareza sobre os limites desta ordem (inclusive com relação aos direitos humanos). Em textos internos do jornal, por exemplo, em matéria interna do dia 1º de janeiro, o Secretário Rodrigo Bethlem é apresentado como “xerife do Rio” e “supersecretário”. No dia 05/01, em matéria sobre superlotação na emergência do hospital Salgado Filho, pode-se ler a seguinte frase: “Hoje começa a Operação Choque de Ordem no Rio”.

A partir do dia 06/01, inicia-se um novo estágio com relação à cobertura do *JB* sobre o “choque de ordem”. A partir dessa terça-feira, as chamadas começam a fazer menção a operações concretas efetivadas pela prefeitura. Pode-se dizer que a ideia genérica de um “choque de ordem” começa a assumir ares concretos no cotidiano da cidade e, no caso específico do *JB*, vai se configurando aos poucos um debate sobre os limites destas operações e sobre a importância de uma discussão mais ampla com a sociedade a respeito do que vem a ser esta “ordem” tão desejada. Neste dia, a manchete principal do jornal, com foto, afirma: “Choque de Ordem derruba 34 imóveis”. O tom da matéria no texto de capa é positivo, concordando com o fato de que se deve coibir repressivamente as ilegalidades do espaço urbano.

Porém, o tom das chamadas, fotos e textos de capa do *JB* nem sempre concorda com os procedimentos da prefeitura e estabelece uma leitura crítica do “choque de ordem”, exercendo um papel de discussão com relação às atitudes do Poder Público. Já no dia 07/01, por exemplo, há duas menções ao “choque de ordem”: a) chamada com três fotos relacionada à atuação da prefeitura no dia anterior, direcionada a outdoors



irregulares; e b) “Caça-níqueis ainda livres”, cujo subtítulo afirma que o “Choque de Ordem não chega aos muitos locais onde funcionam as maquininhas de azar”. Estas duas manchetes sintetizam bem a cobertura do *JB* direcionada ao “choque de ordem”: se a primeira reflete uma diversificação dos assuntos relacionados à atuação da prefeitura, que não somente demole construções irregulares e apreende mercadorias ilícitas, mas também atua com relação ao trânsito e a outros assuntos da cidade de forma concreta, a segunda chamada aponta na direção de denúncias que cobram da prefeitura uma ordenação com relação a assuntos que estejam pendentes e afetem de alguma forma a população.

No dia 11/01, inclusive, é iniciada uma nova coluna diária no *JB*: a “Sociedade Aberta”, em que diversos especialistas como políticos, sociólogos, professores universitários, historiadores etc. discutem assuntos importantes e atuais para a cidade do Rio de Janeiro. Logo na primeira coluna (que costuma ter três ou quatro artigos diferentes sobre assuntos diversos por dia, anunciados na capa), o prefeito Eduardo Paes escreve a respeito de seus primeiros dias de governo: “No início do governo, um olhar para o futuro e o choque de ordem”. Assim, muitas vezes nesta coluna, ao longo dos dias analisados nesta pesquisa, diferentes visões foram apresentadas de forma a concordar ou discordar de atuações da prefeitura e, em muitos casos, relacionadas ao “choque de ordem”. No dia 03/02, curiosamente, um professor de história chamado Eduardo Paz (cujo nome é homônimo ao do prefeito) assina um artigo cujo título é: “O afã de segurança não deve permitir arroubos de repressão”, fazendo um contraponto nítido ao ideal de uma ordem repressiva.

Outra característica do *JB* é não valorizar demais o ideal genérico do “choque de ordem”, evitando seguir claramente uma linha ideológica em favor da disseminação de um ideal de ordem pública repressora. Entre os dias 15 e 18 de janeiro, por exemplo, não há menção a operações e assuntos relacionados ao “choque de ordem” na capa, de modo que o jornal por vezes apresenta uma sequência de quatro edições sem focar o tema com destaque. Em alguns casos, inclusive, fala de temas relacionados indiretamente à questão, como violência urbana, sem citar o termo ou enfatizar as operações da prefeitura neste sentido.

O *JB* também aponta as falhas da prefeitura, como no dia 25/01, em que há uma manchete (“A desordem mora ao lado”) indicando que há desordem ao lado das próprias delegacias e outras instâncias do Poder Público. A ironia, por vezes, é utilizada, como no título da manchete principal do dia 18/02, “Choque de desordem”, que aponta

o despreparo da prefeitura para lidar com um acidente que parou o trânsito em algumas das principais vias da *Zona Sul sociológica* do Rio de Janeiro durante horas.

O *JB* também minimiza o ideal de ordem repressiva desvinculando certas medidas da prefeitura do “choque de ordem”. Por exemplo: a “Lei Seca” aplicada no entorno do Maracanã, noticiada na capa do dia 26/01, é apresentada como algo que divide os torcedores, além de não ser uma medida planejada pela prefeitura originalmente, mas aplicada por esta no sentido de adequar o Maracanã às normas da FIFA (exigidas pela entidade para a disputa da Copa do Mundo de 2014, que ocorrerá no Brasil e terá o estádio citado como local da partida final).

Em fevereiro, o tom das matérias de capa começa a mostrar resultados das diferentes atividades efetuadas pela Operação Choque de Ordem e que esta deve continuar sem dar tréguas aos que atuam de forma ilícita no cotidiano da cidade. Porém, com a proximidade do carnaval, festa popular de muita tradição no Rio de Janeiro, há diversos dias em que não há menção ao assunto. Muitas das menções, por outro lado, relacionam-se às atividades da prefeitura no sentido de ordenar o carnaval de rua, impondo certas restrições e exigindo organização prévia dos blocos que pretendem desfilar. Há, por outro lado, matérias que procuram discutir os malefícios sociais de uma exacerbação do medo através de políticas públicas repressivas e de um direcionamento ideológico/discursivo que exalta o medo e a violência cidadinos. No dia 08/02, por exemplo, a manchete principal intitulada “O Rio que vence o medo” apresenta atividades de cariocas no contexto urbano cuja vida não se rende à paranoica criminalização da pobreza e evitamento dos espaços públicos. Em texto na chamada da matéria, está escrito: “Especialistas reconhecem as ameaças presentes no Rio, mas criticam a exacerbação do medo e apontam suas consequências”.

Na segunda-feira, dia 16/02, há uma matéria de capa particularmente interessante: “Operação muda o som da Barra”, onde se lê no texto que “O Choque de Ordem da prefeitura do Rio chegou aos bares e boates da Barra, na maior intervenção noturna desde a posse de Eduardo Paes”. A matéria indica que cinco estabelecimentos comerciais que atendem às classes média e alta foram fiscalizados, o que retira a ideia de um “choque de ordem” somente direcionado à criminalização da pobreza. O *JB*, inclusive, opera denunciando irregularidades, como a de quiosques na orla de Copacabana que estocam de forma ilegal seus produtos (19/02) e de hotéis de luxo que utilizam o espaço público das calçadas para estacionar carros de hóspedes de modo irregular (13/03), além de motos estacionadas de forma irregular também na rua da



Quitanda, no Centro do Rio (11/02). Nestes casos, o jornal faz questão de, no dia seguinte, indicar na capa que a atuação da prefeitura ocorreu após a denúncia do *JB*.

Março e abril seguem o padrão apresentado até então. Porém, a proximidade dos cem primeiros dias de governo leva o *JB* a iniciar algumas matérias retrospectivas a respeito da atuação da prefeitura neste período. Entre março e abril, o *JB* chega a publicar mais de dez edições sem menção direta ao “choque de ordem” em suas capas.

3. Breve conclusão: alguns traços comparativos

O Dia enfatizou a contribuição do “choque de ordem” para liberar o trânsito nas calçadas, retirando camelôs, mesas, cadeiras, carros e motos que atrapalham a circulação de pedestres. O mesmo foi desempenhado pelo *JB*.

Além disso, outro ponto a ser destacado foi a denúncia de *O Dia* sobre a situação enfrentada pelo secretário de Ordem Pública: “Xerife do Choque de Ordem do Rio reage a ameaças”, estampava a manchete principal em 07/02. Logo abaixo, informava que o secretário de Ordem Pública, Rodrigo Bethlem “roda em carro blindado e com seguranças”. Não há nenhum tipo de menção ao “choque de ordem” neste dia na capa do *JB*.

Uma diferença relevante entre os veículos foi o destaque dado por *O Dia* a um caso particular: o garoto L. e sua cadela chamada Pretinha. Uma operação “choque de ordem” recolheu o garoto a um abrigo e a cadela perseguiu o furgão que o levava, latindo e arranhando a lataria. O caso provocou comoção entre os leitores, que escreveram cartas criticando a insensibilidade da prefeitura (houve também quem afirmasse que tais crianças são assaltantes violentos e, portanto, indignas de compaixão). Em 09/01, na parte inferior da capa, a chamada “Cadê Pretinha e seu dono?”, noticiando a campanha feita por um aposentado para mobilizar as pessoas e descobrir o paradeiro de ambos. Um dia depois, na parte interna, noticiava-se que o menino fugira do abrigo para tentar encontrar seu animal de estimação. Uma foto mostrava-o dormindo sobre um banco de praça, com a cadela ao chão.¹⁰ Anunciou-se com estardalhaço a concessão de uma bolsa e a possibilidade de obter abrigo e ensino profissionalizante na Vila Olímpica e na Associação de Moradores da Mangueira (13/01). A capa de 14/01 anunciou “Vida nova para a dupla”, informando que o menino aceitara a proposta. Não houve casos com este tipo de desdobramento no *JB*, embora

¹⁰ PINHEIRO, Amanda. Amigos para sempre. *O Dia*, Rio de Janeiro, p. 3, 10 jan. 2009.



uma matéria envolvendo demolição de habitações populares utilizadas para consumo e venda de drogas mostrasse uma criança que morava na região chorando devido à demolição de sua moradia. A foto é impactante e foi publicada em 09/04. Apesar de hoje possuir poucos recursos se comparado a outros jornais impressos de grande circulação no Rio de Janeiro (como *O Dia* e *O Globo*), o *JB* apresenta criatividade e um tom humanitário na escolha de suas capas.

A análise destes dois diários, somada à de *O Globo* operada por nós em artigo anterior, aponta para uma discussão mais ampla sobre o fazer jornalístico, em que fatos, acontecimentos midiáticos e a forma-notícia, apesar de determinados critérios técnicos e direcionamentos mercadológicos comuns (pois estamos falando de jornalismo massivo nos três casos), não estão reduzidos a uma suposta homogeneidade informacional. Não somente a escolha dos assuntos, mas também o tratamento das notícias na capa é bastante variado nos jornais citados acima com relação ao mesmo assunto no mesmo período temporal. Assim, o jornalismo é feito de escolhas humanas e as tomadas de partido apresentam politicamente perfis que nem sempre se enquadram no estereótipo de uma “criminalização da pobreza” generalizada. Esta discussão, que se pretende aprofundar em artigos futuros, destaca o caráter variado dos jornais em questão e as possibilidades discursivas que, se estão diretamente baseadas no real-histórico da cidade do Rio de Janeiro, ajudam a construir, por sua vez, um Rio de Janeiro simbólico todos os dias nas bancas de jornais.

4. Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

_____. **Confiança e medo na cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

DELEUZE, Gilles, “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.



- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
- LAIGNIER, Pablo; FORTES, Rafael. A criminalização da pobreza sob o signo do choque de ordem: uma análise dos primeiros cem dias do governo Eduardo Paes a partir das capas de O Globo. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009, Curitiba. **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2009. 1 CD-ROM.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Ed. Record., 2004.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1996.
- _____. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.
- _____. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.
- THOMPSON, John. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.
- WACQUANT, Loïc. **As duas faces do gueto**. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Ed., 2008.